

A Guerra do Contestado: elaborações e transformações na Memória e Patrimônio Cultural

FÁBIO ANDREAS RICHTER¹

No ano de 2012, ocorreu o centenário do Combate do Irani, considerado o início daquela que ficou conhecida como a Guerra do Contestado. O Combate, ocorrido em 22 de outubro de 1912, envolveu, de um lado, as forças do Regimento de Segurança do estado do Paraná e, do outro, sertanejos que haviam se reunido em torno da figura do “monge” José Maria.

O Combate foi resultado da fuga de José Maria para a região do Irani após ser hostilizado pelas autoridades catarinenses. Na época, essa região era um território em litígio entre os estados de Santa Catarina e Paraná.

O governo do estado do Paraná havia interpretado o movimento de José Maria como uma manobra do estado catarinense, que, ao enxotar as hordas do monge para o território que considerava paranaense, visava provocar a intervenção do governo federal na região, o que poderia levar à entrega do território aos catarinenses, conforme sentença proferida pelo Supremo Tribunal Federal, mas nunca executada (MACHADO, 2001).

Durante o violento combate, acabaram morrendo tanto José Maria como o comandante do Regimento de Segurança do Paraná, o Coronel João Gualberto Gomes de Sá.

A personalidade de José Maria, que até então era somente tido como um curandeiro eficaz e mesmo milagroso, acabaria sofrendo um processo de reelaboração por parte dos sertanejos, que o transformariam num monge que retornaria junto com o “exército encantado” chefiado por São Sebastião, um ano após o combate do Irani (MACHADO, 2001:179). Esse processo de “reencantamento do mundo” resultaria no surgimento de instituições místicas e sociais novas, que dariam coesão aos seguidores de José Maria (MONTEIRO apud MACHADO, 2001:185).

¹ Historiador da Fundação Catarinense de Cultura. Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Graduado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Uma das consequências desse processo de reelaboração mística foi a progressiva formação de redutos ou cidades santas, onde os seguidores do monge começaram a se agrupar e desenvolver suas crenças, desafiando as autoridades governamentais. Esse processo seria influenciado pela devoção à figura do Monge João Maria, que era venerado pelos sertanejos.

Paralelamente, as autoridades governamentais atacaram os sertanejos, procurando dispersá-los, por meio da realização de expedições militares. A disposição dos sertanejos em não só enfrentar os ataques, como em partir para a ofensiva contra aqueles que consideravam seus inimigos, resultou numa situação de guerra, repleta de violência, com os rebeldes dominando extensas áreas do estado, o que se prolongou oficialmente até o ano de 1916, quando o último líder dos sertanejos foi capturado.

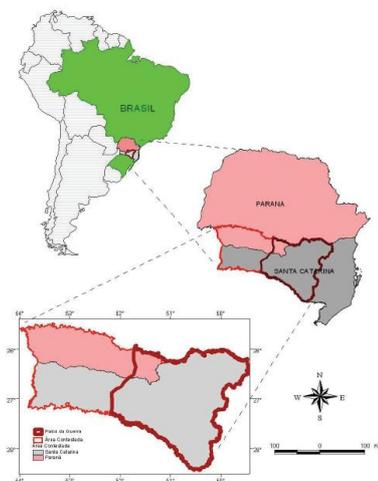


Figura 01 – Localização Geográfica Área Contestado – Palco da Guerra (FRAGA, 2006:30)

A partir da década de 1950, trabalhos acadêmicos começaram a avaliar os sertanejos do ponto de vista antropológico, tendo a alteridade ganhado novos contornos, não situando mais o outro na esfera do inculto ou do incivilizado, sendo que a noção de barbárie, tão comum nas explicações sobre os iletrados no início do século, perdeu seu sentido anterior, podendo ser utilizada para designar outros grupos, já não tidos como tão incultos (DALFRÉ, 2004).

Por outro lado, durante as últimas décadas do século XX, as preocupações com o Contestado levaram a iniciativas que extrapolavam a área da escrita sobre os acontecimentos. A memória sobre os acontecimentos passou também a ser expressa através de eventos e pela produção de lugares onde poderia, nos dizeres de Pierre Nora (1993:12), se cristalizar.

As novas preocupações com a memória dos sertanejos vencidos resultariam em uma progressiva requalificação de posições frente ao discurso oficial inicialmente professado durante e logo após a guerra.

Dentre a multiplicidade de iniciativas desenvolvidas tendo o Contestado como tema, é possível assinalar algumas relacionadas à atuação estatal, as quais possibilitam entender em parte a nova sensibilidade para esse tema e seus desdobramentos na prática do patrimônio cultural.

O silêncio por parte do governo durante décadas a respeito do Contestado seria quebrado por ações que buscariam não só enaltecer os sertanejos, ou caboclos, numa total mudança de postura, mas também estabelecer uma série de elementos que solidificassem uma memória dos acontecimentos, além de criar e manter legados ou patrimônios na forma de datas comemorativas, símbolos e locais de apresentação ou exposição do tema Contestado.

Dentre as iniciativas, existem aquelas voltadas à região do Irani, onde ocorreu o combate que resultou na morte de José Maria e do Coronel João Gualberto em outubro de 1916, evento da guerra que primeiramente alcançaria o patamar de centenário.

A localidade do Irani, apesar de ter sido palco de um acontecimento tido como “fundador” do conflito, esteve fora da área que se configurou no território de influência direta dos redutos

rebeldes. Todavia, passou a ter o seu caráter simbólico trabalhado como alvo de investimentos de atores cujas articulações resultaram em diversas iniciativas, incluindo na área governamental estadual.

Entre reelaborações e novas perspectivas

As articulações em torno de Irani concentraram-se inicialmente em propostas voltadas ao local onde, além de ter ocorrido o combate, estariam enterrados José Maria, agora elevado à categoria de monge, e os demais soldados e sertanejos que morreram no evento.

Uma análise realizada na documentação do órgão executivo do governo catarinense para a cultura, a Fundação Catarinense de Cultura (ARQUIVO, s.d.), evidenciou que houve, entre os anos 1979 e 1983, uma troca de correspondências com interlocutores na região de Irani, além de relatórios de atividades em que há uma forte preocupação em desenvolver formas de apropriação do local onde ocorreu o combate e transformá-lo em um espaço de memória sobre o Contestado, incluindo o seu tombamento como patrimônio cultural do estado.

Dentre as propostas iniciais, houve a da criação, em 1980, do Museu do Irani, que deveria:

conservar e transmitir às gerações futuras as tradições ligadas aos fatos históricos que marcaram toda uma região, através de apresentações artístico-culturais e do recolhimento de fatos e documentos para o público e os pesquisadores do episódio conhecido como “Guerra do Contestado” (RELATÓRIO, 1980: 1).

Para viabilizar a iniciativa, já havia disponível uma área de 1.000m², doada para a construção do museu, em um sítio próximo ao cemitério dos mortos no Combate, existindo igualmente interesse da Fundação Universitária de Joaçaba/SC em ser mantenedora do museu, fato que iria ao encontro da proposta de formação de um campo de estudos sobre o Contestado na região (RELATÓRIO, 1980:2).

A proposta seguinte já contemplava a apropriação do espaço do Combate do Irani por meio da construção, no local, de uma vila de aproximadamente 50 casas, para abrigar uma população menos favorecida, e que assumiria o papel de “Cidade Santa” (RELATÓRIO, 1983:2), evocando, dessa forma, os redutos criados pelos sertanejos durante a guerra entre 1912 e 1916. Esse empreendimento acabou sendo descartado em virtude da não adequação do terreno ao porte das obras de construção pretendidas, além dos danos que essas obras acarretariam ao sítio histórico.

As atenções dadas ao tema do Contestado pelo governo estadual, que procurava transformá-lo em símbolo patrimonial cultural, assumiram uma dimensão maior a partir de 1982. O candidato ao governo estadual, Esperidião Amin Helou Filho (PDS), utilizaria a imagem do Contestado como parte de sua campanha eleitoral em 1982, em que a “luta dos pequenos” (entre os quais estariam os sertanejos que combateram no Contestado) simbolizaria a força dos catarinenses na busca por justiça e pela defesa do território catarinense (LAZARIN, 2004:115).

Para além de uma apropriação pelo discurso eleitoral, ocorreu, após a eleição de Amin, todo um investimento no tema, que passou pela elaboração de estudos, publicações, vídeos, além da construção e implantação de marcos físicos (monumentos e placas) relacionados ao Contestado em lugares onde haviam se desenvolvido acontecimentos significativos para o evento, a exemplos de combates e a construção de redutos ou cidades santas.



Figura 03 – Monumento construído em Irani (CAÇADORENSE, 2013)

Por outro lado, as iniciativas do governo estadual, naquele momento, davam-se em um contexto onde o Contestado também era foco da atenção de outros grupos sociais. Por exemplo, a região de Taquaruçu, atual distrito de Fraiburgo/SC, recebeu, em 1986, a Primeira Romaria da Terra.

A região de Taquaruçu foi o local de onde José Maria saiu em fuga para Irani, para onde retornaram os sobreviventes do Combate e onde foi construído, a partir de 1913, o primeiro reduto ou cidade santa dos sertanejos.

A Primeira Romaria da Terra em Santa Catarina ocorreu em 14 de setembro de 1986, reunindo cerca de 20.000 pessoas em Taquaruçu, com grupos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBS), pastorais operárias, juventude da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do Partido dos Trabalhadores (PT), além do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), com os declarados objetivos de celebrar a caminhada de luta e de fé do homem do campo e da cidade, homenagear a luta dos caboclos do Contestado, demonstrar a força da organização e conhecer a situação do homem do campo (FLORES, 1996:208).

Os romeiros carregaram, durante o evento, uma cruz de cedro, com quatro metros de altura, tornada símbolo da resistência e da luta pela terra, cruz essa que se reportava àquelas plantadas pelos monges João Maria de Agustine e João Maria de Jesus², lembrando, dessa forma, o movimento do Contestado (FLORES, 1996, p. 208).

² Foram dois peregrinos que percorreram a região entre os séculos XIX e XX, passando a ser cultuados pelos sertanejos.



Figura 04 – Cartaz da Primeira Romaria da Terra com a Cruz de Cedro ao centro (DIOCESE DE CHAPECÓ, 2013)

O Contestado era, naquele momento, apropriado por grupos com diferentes perspectivas de atuação, os quais faziam uso de bens simbólicos presentes na memória das populações que tiveram alguma forma de proximidade com o conflito de 1912-1916.

A atenção e investimento por parte do governo estadual durante a década de 1980 acabariam diminuindo, mas haveria um novo recrudescimento durante o início dos anos 2000, em que tomaria corpo a ideia da construção de um Parque Temático do Contestado em Irani, no local do Combate de 1912. O Parque seria construído de forma a abranger o espaço tido como palco do enfrentamento entre soldados e sertanejos, incluindo os locais onde estariam sepultados o “Monge” José Maria e os demais mortos no combate.

O projeto, apresentado no ano de 2001, previa a construção de diversas estruturas no terreno, como uma recepção que disponibilizaria informações turísticas, uma Casa da Memória, uma Igreja (Capela do Monge), dois terminais de trem e linha férrea para deslocamentos dentro do parque, redomas de policarbonato cobrindo o local do combate, o túmulo do monge e a vala dos 21 (onde foram sepultados os outros mortos do combate), além de uma Cidade Santa construída no formato de cruz, com 24 edificações (PROJETO, 2001).

O Parque contaria também com um anfiteatro de 645m² para trabalhar luz, imagens e som, com arquibancada para 1.200 lugares integrada à paisagem de um morro fronteiro ao palco, além de camarins que ficariam junto ao palco em uma ilha artificial em um lago.

O embasamento histórico-filosófico apresentado no documento do projeto do Parque justificava a necessidade de sua construção pelo “resgate” que Santa Catarina faria da verdadeira imagem, som e luz do “povo do Contestado”, procurando saldar a enorme dívida que haveria com aqueles que eram considerados injustiçados.

A proposta do Projeto Arquitetônico do Parque previa referenciais de cunho histórico da “epopéia do Contestado”, assim como um simbolismo relacionado ao caboclo, tido como “o povo” desse evento, e que possuía caráter simples, puro, valente, tendo vivido uma “epopéia” na sua luta pela justiça social.

O projeto foi construído de forma articulada entre a prefeitura municipal de Irani e o governo estadual, sob a gestão do novamente governador Esperidião Amin Helou Filho (1999-2003), tendo a Fundação Memória Viva do Contestado como coordenadora.

O governador Amin, segundo sua assessoria, tinha interesse especial pelo assunto, a ponto de eleger o Homem do Contestado como símbolo Catarinense, sendo o Parque uma forma de marcar “de forma indelével o episódio” do Contestado, desenvolvendo um enredo que se igualaria àquele apresentado nas Reduções Jesuíticas no Rio Grande do Sul (PEDRINI, 2001:04).

O Parque chegaria a ser inaugurado em outubro de 2001, em uma festa onde teriam comparecido, segundo a imprensa, cerca de 5.000 pessoas (A NOTICIA, 2001).

Todavia, a maior parte de suas estruturas não foram efetivadas, existindo atualmente, no terreno destinado ao parque, um pequeno museu, o antigo cemitério da região, trilhas com plaquetas indicativas e informativas, além das ruínas do anfiteatro no lago artificial e suas arquibancadas em meio às matas da encosta fronteira a ele.



Figura 05 – Anfiteatro do Parque Temático do Contestado, Irani-SC, visto das arquibancadas (ESCOLA MUNICIPAL VIVER E CONHECER, 2013)

Por outro lado, a preocupação do governo estadual catarinense, no início dos anos 2000, em afirmar o caráter simbólico e patrimonial do Contestado, teria ainda outros direcionamentos, como a promulgação de leis específicas para essa finalidade.

A Lei nº 12.060, de 18 de dezembro de 2001, reconheceu a bandeira do Contestado como símbolo regional do Estado de Santa Catarina, sendo que essa bandeira poderia ser hasteada em eventos oficiais do Estado. A bandeira em questão foi aquela utilizada como símbolo pelos sertanejos em suas lutas contra as forças governamentais no conflito entre 1912-1916, sendo composta por uma cruz verde sob um fundo branco.



Figura 06 – Reprodução de uma bandeira do Contestado (HORA ONLINE.COM, 2013)

Por sua vez, a Lei nº 12.143, de 05 de abril de 2002, instituiria a Semana do Contestado, que deveria ser comemorada anualmente entre os dias 20 e 27 de outubro, devendo o Poder Legislativo Estadual desenvolver debates e conferências, além de “comemorações cívicas e históricas” na rede escolar pública e particular.

O tema Contestado não apresentaria novamente, por parte do governo estadual, uma agenda tão repleta de investimentos em elaborações simbólicas que procurassem levar a sua impressão na materialidade e no cotidiano de forma tão intensa.

As comemorações oficiais do Centenário do início da Guerra do Contestado ocorridas em outubro de 2012 procuraram lembrar o evento, mas sem o investimento em novos marcos de caráter simbólico.

Um exemplo foi a exposição intitulada Guerra do Contestado: 100 Anos de Memórias e Narrativas, evento oficial das comemorações, apresentada no Museu Histórico de Santa Catarina em Florianópolis/SC, instituição administrada pela Fundação Catarinense de Cultura. A exposição, que irá percorrer o estado durante o ano de 2013, procurou problematizar as diversas percepções construídas em diferentes segmentos da sociedade (exercito, intelectuais, imprensa, igreja) com relação ao evento, buscando não desqualificar, ou mesmo enaltecer as partes envolvidas no conflito de 1912-1916, e sim apresentar as diferentes visões existentes e construídas ao longo do tempo sobre o conflito e seus protagonistas.

Considerações finais

As elaborações traçadas sobre a memória dos acontecimentos são fundamentais no processo de construção do patrimônio cultural de determinadas coletividades. Tais elaborações decorrem frequentemente da reconfiguração das percepções sobre a memória existente sobre questões presentes em contextos sociais específicos. A construção, o estabelecimento e o reconhecimento de bens culturais patrimoniais estão intimamente ligados a essa dinâmica.

A Guerra do Contestado representou um evento de grandes implicações na época em que ocorreu, afetando de forma direta a economia, a sociedade e a política dos estados de Santa Catarina e do Paraná, assim como a do próprio Brasil.

A memória de um evento desse porte não poderia deixar de ser objeto de atenção das elites dirigentes desses estados, pois, como observou Jacques LeGoff (2003:422) “tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas.”

Os protagonistas e vencidos da Guerra, os sertanejos, acabaram transitando de uma perspectiva que os apresentava, na memória oficial do conflito, primeiramente como ignorantes, fanáticos e bandidos, para a condição de serem enaltecidos como homens bravos e puros que lutaram pela justiça social. Semelhante reelaboração não só os tornou dignos de serem lembrados em monumentos, mas os alçou à condição de símbolo da gente do estado de Santa Catarina.

Apesar da necessidade de se levar em conta o estímulo que possa ter decorrido de uma situação de disputa entre governo e movimentos sociais durante a década de 1980 sobre os usos da memória dos sertanejos do Contestado, também é preciso ter em mente a progressiva importância dada à memória a partir da disposição das sociedades do período considerando a questão da temporalidade.

A emergência da centralidade da memória nas preocupações culturais e políticas das sociedades ocidentais ocorreu com o deslocamento, a partir da década de 1980, do foco de atenção dessas sociedades do futuro para o passado, além da emergência de discursos de memória de um novo tipo na busca de histórias alternativas e revisionismos (HUYSEM, 2000: 9).

O tratamento dado ao passado está ligado àquilo que François Hartog (2006:263) sintetizou como regime de historicidade, ou seja, como a sociedade trata o seu passado, os modos de relação estabelecidos com o tempo, as formas de experimentar e as maneiras de ser no tempo.

A nova ótica atribuída ao tema Contestado acaba, em certa medida, sendo uma repercussão dessa mudança na perspectiva temporal, que traz à tona anseios contemporâneos da sociedade e reposiciona o sentido da experiência sertaneja, com reflexos no tratamento a ela dispensado até mesmo no campo do patrimônio cultural e nas ações relacionadas ao governo.

O Brasil contaria ainda com as perspectivas decorrentes do progressivo processo de redemocratização pelo qual passaria o país, a partir de meados da década de 1980, fato que resultaria igualmente na tentativa de considerar e mesmo evidenciar segmentos sociais identificados com as camadas populares.

A memória sobre o Contestado passou, destarte, por um processo de reelaboração, através da incorporação de novos interesses e sob influência de outras sensibilidades. A transformação de sertanejos tidos como ignorantes, fanáticos e violentos em exemplos de bravura, pureza e luta pela justiça social assinala o quanto mudaram os interesses e as sensibilidades sobre o tema.

A disposição em realizar um conjunto de iniciativas visando explicitar, ou mesmo manter essa nova percepção sobre o tema do Contestado, por meio de criações simbólicas, locais de memória ou de patrimônio, assinala não só o quanto essas iniciativas tiveram respaldo e atenção em determinados momentos, mas também o quanto elas repercutem sensibilidades e expectativas do conjunto da sociedade, resultando do deslocando de conceitos de memória e de patrimônio e, ao mesmo tempo, influenciando a prática desses campos.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

FLORES, Maria Bernardete Ramos et al. Imagem e Pedagogia, da Cruz de Cedro Renasce uma Cidade. **Revista Brasileira de Historia**, São Paulo, v. 16, n. 31, p. 207-224, 1996.

DALFRÉ, Liz Andréa. **Outras Narrativas da Nacionalidade: O movimento do contestado**. 2004. 154 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-graduação em História, Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, Jul/Dez, 2006.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LAZARIN, Katiúscia Maria. Fanáticos, rebeldes e caboclos: discursos e invenções sobre diferentes sujeitos na historiografia do Contestado (1916-2003). Florianópolis, 2005. 147 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª ed. Campinas, SP: Ed da UNICAMP, 2003.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas, 2001. 498 f. Tese (Doutorado) – Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

NILSON, Cesar Fraga. **Mudanças e permanências na rede viária do Contestado: uma abordagem acerca da formação territorial no Sul do Brasil**. Curitiba, 2006, 187 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, 2006.

NORA, Pierre **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo, PUC/SP, 1993, p. 07-28.

RODRIGUES, Rogério Rosa. **Os sertões catarinenses: embates e conflitos envolvendo a atuação militar na Guerra do Contestado**. 2001. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de

Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

Documentos de arquivo

ARQUIVO da Diretoria de Patrimônio Cultural. Série: Diversos. Sub-série: Projeto Contestado. Assunto: Levantamento; Marcos e pesquisa; Relatórios; Documentação do Parque Temático do Contestado Irani. Caixa 05.

RELATÓRIO Reunião Sobre Museu de Irani, 07/01/1980. Arquivo da Diretoria de Patrimônio Cultural. Série: Diversos. Sub-série: Projeto contestado. Assunto: Levantamento; Marcos e pesquisa; Relatórios; Documentação do Parque Temático do Contestado Irani. Caixa 05.

RELATÓRIO de visita ao Sítio Histórico do Contestado – Irani em 16, 17 e 18 de agosto de 1983. Arquivo da Diretoria de Patrimônio Cultural. Série: Diversos. Sub-série: Projeto contestado. Assunto: Levantamento; Marcos e pesquisa; Relatórios; Documentação do Parque Temático do Contestado Irani. Caixa 05.

Jornal

PEDRINI, Nelson. Parque Temático do Contestado. **O Estado**, Florianópolis, 08 ago. 2001. p. 04.

Conteúdos na Internet

CAÇADORENSE, Diário. **Irani relembra Centenário do Contestado em 2012**. Disponível em: <<http://www.diariocacadorenses.com/noticias-detalhes.php?id=471>>. Acesso em: 27 mar. 2013.

HORA ONLINE.COM (Caçador-SC). **A Guerra do Contestado**. Disponível em: <<http://dahoraonline.com/index.php?ap=3&id=17>>. Acesso em: 27 mar. 2013.

DIOCESE DE CHAPECÓ (Chapecó-SC). **Conheça a história das Romarias da Terra e da Água em SC**. Disponível em: <http://www.diocesechapeco.org.br/2011/index.php?link=vernoticia&id_noticia=297>. Acesso em: 27 mar. 2013.

ESCOLA MUNICIPAL VIVER E CONHECER (Capinzal-SC). **Visita - Irani**. Disponível em: <<http://emvivereconhecer.blogspot.com.br/2011/11/visita-irani-8-serie.html>>. Acesso em: 27 mar. 2013.